

A hermenêutica do sujeito em reverberações da amizade: questões para as políticas da inimizade contemporâneas

The hermeneutics of the subject in the reverberations of friendship: questions for contemporary politics of enmity

Alexandre Filordi de Carvalho

Universidade Federal de Lavras (UFLA), Brasil
afilordi@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a amizade como uma força política e subjetiva capaz de resistir às políticas da inimizade contemporâneas, tomando como base as reflexões de Michel Foucault em *A hermenêutica do sujeito* e os diagnósticos de Achille Mbembe sobre a violência neoliberal. A hipótese interpretativa explora que a amizade, entendida como uma «prova de vida», no sentido foucaultiano, pode ser contraposição à lógica neoliberal que fragmenta as relações humanas, transformando-as em políticas de exclusão, ódio e subjetividades capturadas pelo identitarismo e pela inimizade. Por fim, a amizade emerge como um ato político radical, capaz de reinventar modos de convivência e enfrentar as «guerras de subjetividade» do neoliberalismo, reafirmando a vida como experiência compartilhada e não como campo de batalha.

Palavras-chave: amizade; políticas da inimizade; neoliberalismo; Foucault.

Abstract: The aim of this article is to analyze friendship as a political and subjective force capable of resisting contemporary politics of enmity, based on Michel Foucault's reflections in *The hermeneutics of the subject* and Achille Mbembe's diagnoses of neoliberal violence. The interpretative hypothesis explores how friendship, understood as a «proof of life» in the Foucauldian sense, can counter the neoliberal logic that fragments human relationships, transforming them into policies of exclusion, hatred and subjectivities captured by identitarianism and enmity. Finally, friendship emerges as a radical political act, capable of reinventing ways of living together and confronting neoliberalism's «wars of subjectivity», reaffirming life as a shared experience and not as a battlefield.

Keywords: friendship; politics of enmity; neoliberalism; Foucault.

Fecha de recepción: 31/07/2025. Fecha de aceptación: 26/11/2025.

Apresentado no Simpósio Nacional 40 anos de *A hermenêutica do sujeito*, de Michel Foucault, de 20 a 24 de Junho de 2022. O Simpósio foi organizado por Tereza C. Calomeni, professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Alexandre Filordi de Carvalho (brasileiro) é, Doutor em Filosofia e em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) com Pós-Doutorado em Educação pela Universidad Complutense de Madrid. É professor do curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Lavras (UFLA). É Bolsista em Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pesquisando o pensamento de Michel Foucault desde 2003, cujos resultados são publicados em artigos, capítulos de livros, livros autorais e organizados, além de dossiês temáticos.

1. Panorama geral

Neste texto, optei por situar a recepção da temática da amizade sob o diapasão das indagações finais suscitadas por Foucault em sua última aula de *A hermenêutica do sujeito*: 24 de março de 1982. Precisamente, trata-se de seu parágrafo final. Destaco dois aspectos.

O primeiro. Na referida aula, vida é destacada como prova (éprouve). Já é o suficiente para se anunciar: vida é polissemia. Isso porque a coextensão da vida à substantivação da prova supõe a miríade de ações do que é *provar*. Ser testado ou testar, ou seja, experimentar; passar por uma provação, no sentido de enfrentar situação a exigir empenho de força, capacidade, destreza, emoção, etc.; degustar, como quem prova a nova receita; demonstrar a verdade, como quem autentica com razões, fatos ou provas; mas também ter conhecimento direto de certos estados, certas situações, emoções ou sensações.

A vida como prova amplifica a experiência de como ela é testada, experimentada, enfrentada, conhecida, sentida, ensinada por verdades e incansavelmente submetida ao confronto de ser examinada. Fartamente, assim Foucault argumenta:

Em dois sentidos devemos entender que o *bíos*, a vida – quero dizer, a maneira pela qual o mundo se apresenta imediatamente a nós no decorrer de nossa existência –, seja uma prova. Prova no sentido de experiência, ou seja, no sentido de que o mundo é reconhecido como sendo aquilo através do que fazemos a experiência de nós mesmos, aquilo através do que nos conhecemos, nos descobrimos, nos revelamos a nós mesmos. E prova no sentido de que este mundo, este *bíos*, é também um exercício, ou seja, é aquilo a partir do que, através, a despeito ou graças a que iremos nos formar, nos transformar, caminhar em direção a uma meta ou a uma salvação, seguir ao encontro de nossa própria perfeição.¹

Como se vê, a relação indissolúvel prova-vida-mundo é atestada pelos efeitos das incidências de efetivação de modos de ser variáveis, sempre conforme os cuidados próprios destinados a se produzir esta ou aquela vida no mundo. A suposição do trânsito das provas libera vida e mundo de concepções *apriorísticas*, deterministas ou finalistas. É com a consistência do que se experimenta que também é possível se formar, se transformar, obter certa meta, salvar-se².

1 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. Martins Fontes, São Paulo, 2004, 590.

2 A temática da salvação extrapola a possibilidade analítica deste artigo. Perpassando todo o curso, desde a sua menção no final da segunda hora da aula de 20 de janeiro, Foucault começa a desenvolver a questão de maneira mais específica na primeira hora da aula de 3 de fevereiro. Ao longo do contexto do cuidado de si, a salvação emerge como prática da vida filosófica, no sentido de salvaguardar (*sozein, σώζειν*) a si mesmo de perigos, proteger-se, assegurar bem-estar ou o bom estado de alguma coisa, de alguém ou de uma coletividade. A amizade também se inseria no plano das atitudes e posturas da salvação. Seja como for, o termo remete à própria vida, neste mundo. «Nesta noção de salvação que encontramos nos textos helenísticos e romanos não há referência a algo como a morte ou a

Não é sem razão o fato de Foucault concluir o curso *A hermenêutica do sujeito* redesenhando, com o caráter afiado de suas indagações, perspectiva problematizadora para o pensamento e também a filosofia ocidental.

E este é o segundo aspecto a me interessar. Foucault retoma a questão da prova, contudo, sempre relacionando prova-vida-mundo:

De que modo o mundo pode ser objeto de conhecimento e ao *mesmo tempo* lugar de *prova* para o sujeito?; de que modo pode haver um sujeito de conhecimento, que se oferece o *mundo* como objeto através de uma *tékhné*, e um sujeito de *experiência de si*, que se oferece este *mesmo mundo*, mas na forma, *radicalmente diferente*, de *lugar de prova*?³

Situar a temática da amizade em tal contexto é dilatá-la para a condição irrecusável de nossa relação com o mundo. No entanto, uma vez que não há mundo sem prova, seria interessante indagar: que tipos de provas a amizade pode suscitar ao mundo? Que tipos de transformações para o mundo são por ela possíveis? Mas para se pensar em transformações, não seria demandado, ao mesmo tempo, algum tipo de leitura do mundo? Com efeito, não é forçosamente uma escolha política que estaria em jogo?

No mesmo dia em que Foucault concluía diante de sua audiência no *Collège de France* o curso *A hermenêutica do sujeito*, 24 de março de 1982, o jornal francês *Le monde* circulava uma matéria que muito interessa para o escopo desta fala. Escrita por Stéphane Hessel, o seu título não deixa de nos causar, tempos depois, terrível assombro acerca das condições políticas e socioeconômicas sob as quais nos encontramos: *Que pode fazer a França para o terceiro mundo*?⁴

Abordando o drama do que eufemisticamente passava a se denominar «países em desenvolvimento», a matéria sublinhava alguns dos grandes desafios de referidos países:

A deterioração das condições de comércio, a explosão demográfica, o peso do endividamento, a inadaptação das estruturas políticas a um real controle da economia, a incapacidade do aparelho educativo de responder às exigências que o confrontam⁵.

Daquele recorte histórico empreendido por Hessel até o tempo corrente, passando por *A hermenêutica do sujeito*, a situação de «deterioração» do mundo, tal como mencionada na referida reportagem, não apenas persiste, mas aprofunda-se em um drama vertiginoso.

imortalidade ou um outro mundo. Não é por referência a um acontecimento dramático ou a um outro operador que nos salvamos. Salvar-se é uma atividade que se desdobra ao longo de toda vida e cujo único operador é o próprio sujeito.» (FOUCAULT, Michel, *A hermenêutica do sujeito*, 226).

3 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 591 (grifos meus).

4 https://www.lemonde.fr/archives/article/1982/03/24/que-peut-faire-la-france-pour-le-tiers-onde_2887401_1819218.html

5 HESSEL, Stéphane. «Que peut faire la France pour le tiers-monde?» *Le Monde*, 24/03/1982. Disponível em [https://www.lemonde.fr/archives/article/1982/03/24/que-peut-faire-la-france-pour-le-tiers-monde_2887401_1819218.html].

Ora, no enfoque deste texto, partirei do contexto geral das análises que Achille Mbembe desenvolveu acerca das *políticas da inimizade* contemporâneas⁶. Com isso, o meu objetivo é o de considerar a amizade no sentido inalienável da constituição de nossa experiência subjetiva, sobretudo, como plano político de vida, no sentido proposto por Foucault, e, desde então, circunscrita à potência de lugar de prova, por sua vez, radicalmente diferente de sua transformação atual em políticas da inimizade.

Ao cabo, ao que me parece, atualizamos assim umas das formas necessárias da perspectiva assumidas por Foucault: «uma das coisas que precisamos preservar, a meu ver, é a existência de certa forma de inovação política, de criação política e de experimentação política, mas fora dos grandes partidos e do programa normal ou comum»⁷. E não seria a amizade uma dessas formas possíveis?

Antes disso, porém, passemos a compreender as políticas da inimizade.

2. Políticas da inimizade e guerras de subjetividade no contexto neoliberal

Em entrevista, o pensador italiano Franco Berardi afirmou que o capitalismo financeiro se assenta no fim da amizade⁸. Seu diagnóstico tem correlação com o fato de que os benefícios financeiros dependem cada vez mais da dissolução do bem comum, da solidariedade e de uma rede de proteção social mútua, que exigem a confiança de cada um em outrem, princípio elementar da amizade e da convivência. No contexto da obra *Asesinato masivo y suicidio*, Berardi deflagra uma indagação comovente: «Mas quando a competição se converte no mecanismo que organiza as relações na sociedade e existe a percepção de que o outro é algo incorpóreo, funcional e puramente operacional, o que pode ocorrer depois?»⁹

Em *Amitiés philosophique (Amizades filosóficas)*, François Dosse afirma que «com a modernidade e o triunfo da sociedade mercantil, do individualismo, a amizade foi marginalizada»¹⁰. Não obstante, com o triunfo do neoliberalismo, é possível afirmar que a amizade se transformou em políticas de inimizade. Nos termos precisos de Naomi Klein, «o neoliberalismo é aquilo com que a falta de amor se parece com a política»¹¹.

De um texto inédito, depositado no IMEC na cota GTR 28.14, datado de

6 MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. N-1, São Paulo, 2020.

7 FOUCAULT, Michel. «Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité». In FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits IV*. Gallimard, Paris, 1994, 746.

8 BERARDI, Franco. «O pensamento crítico morreu». In *O jornal econômico*, 17 de junho 2018. Disponível em [\[https://jornaleconomico.pt/noticias/franco-berardi-o-pensamento-critico-morreu-321558#.WyyMrbZf3dm\]](https://jornaleconomico.pt/noticias/franco-berardi-o-pensamento-critico-morreu-321558#.WyyMrbZf3dm).

9 BERARDI, Franco. *Asesinato masivo y suicidio*. Akal, Madrid, 2015, 175.

10 DOSSE, François. *Amitiés Philosophiques*. Odile Jacob, Paris, 2021, 8.

11 KLEIN, Naomi. Não basta dizer não. Resistir à nova política de choque e conquistar o mundo do qual precisamos. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2017, 115.

1985 e intitulado *Da esquizoanálise institucional*, de autoria de Félix Guattari, colho algo preciso: «A história nos propõe também verdadeiras ‘guerras de subjetividade’, não percebemos o seu alcance se não consideramos as mutações que estão em jogo»¹².

A ideia de guerras de subjetividade sumariza as mutações que estão em jogo na contemporaneidade neoliberal. Não apenas porque a empatia, a percepção do outro, a desidratação da presença do outro, em vez de sua virtualização anestesiada e exposta aos guetos de convicções, são coincidentes com tal cenário.

Entretanto, o ponto vertiginoso é que as guerras de subjetividade têm por casamata, *bunker*, fortificação blindada ou, se preferirem, buraco negro, a imaginação açulada pelo ódio. E «com a imaginação açulada pelo ódio, as democracias liberais se alimentam constantemente das mais variadas obsessões a respeito da verdadeira identidade do inimigo»¹³. Não sem motivos, as mobilizações em torno do identitarismo, o frenesi identitário, vão funcionar como bomba de fragmentação, fazendo do modo de ser diferente à identidade instituída e negociada por seus valores aceitáveis, alvo indistinto de sua capacidade destrutiva.

Quem é o inimigo hoje? É qualquer antagonista à subjetividade capturada pelo frenesi identitário, por sua vez, condizente com a vassalagem neoliberal cujo mote é: *quem não é por nós é contra nós*. Em outros termos, o inimigo foi produzido socialmente, de forma contínua e localizado em estratégias de *apartheids* subjetivos, desde muito cedo. Na criação dos inimigos, prevalecem «vetores por excelência da descerebração contemporânea, por toda parte eles fazem com que os regimes democráticos, ao abrir a boca, exalem um hálito fétido e, em delírio furioso, levem vidas de bêbados»¹⁴.

A metáfora diz muito: trata-se da insensibilidade, da desorientação, das atitudes abusivas, da perda do juízo ou da capacidade de discernir, da dissolução do «mal-estar da cultura», cedendo lugar aos vómitos da ignomínia, enfim, trata-se do torpor frente à presença do outro, de todo aquele cujo crime é a simples discordância, que pode ser a de gênero, a de cor de pele, a de idioma, a de escala social, a de entendimento, a da nacionalidade, etc.

Ademais, quem leva a vida de bêbado perdeu o contato com a realidade. Sem prova da realidade não há prova de si para o outro. Prevalece, assim, o delírio como impossibilidade de contato consigo mesmo e com a alteridade. Eis a lógica desvinculante a operar nas guerras de subjetividade: é muito fácil atacar e aniquilar o inimigo estando anestesiado diante de sua própria plasticidade existencial. Aqui, nenhuma filopolítica é possível; apenas há neicopolítica¹⁵, do grego (νεικός), o

12 GUATTARI, Félix. De la schizoanalyse institutionnelle. Saint-Germain-la-Blanche-Herbe. Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine. IMEC, GTR 28.14. Arquivo consultado em 1 jun. 2022.

13 MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*, 93.

14 MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*, 84.

15 Na história do pensamento ocidental, Empédocles foi quem opôs *Philia* (φιλία) a *Neikos*, discórdia; ódio), conforme Laplanche e Pontalis (PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre; LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes, São Paulo, 2016, 501). Valemo-nos da noção de *Neikos* para a anteposição de filoplastia

ódio, a discórdia e a impossível convivência tomados por entorno.

O impacto não poderia ser outro:

As democracias liberais dependem nos dias de hoje, para sua sobrevivência, da divisão entre o círculo dos semelhantes e dos dissemelhantes, ou então entre os amigos e «aliados» e os inimigos da civilização. Sem inimigos, é difícil para elas se manterem de pé por conta própria. Se tais inimigos realmente existem ou não é irrelevante. Basta criá-los, encontrá-los, desmascará-los e expô-los à luz do dia¹⁶.

Neste mundo de relações desvinculantes, a invenção da inimizade demanda cada vez mais inimigos para fortalecer os ecos do identitarismo persecutório. De ambos os lados, amizade e inimizade reduzem-se a uma espécie de metonímia funcional. De um lado, angariam-se aliados necessários para o fortalecimento dos espelhamentos de conduções de condutas afins às estratégias de resistência ao outro, simplesmente pelo fato de ser o outro, o diferente, a pessoa marcada fora dos circuitos dos aliados. Assim, por exemplo, o simples fato de se colocar ao lado da defesa dos direitos humanos dos palestinos e de seus irrevogáveis direitos a um território, passa a ser a intrusão perigosa, portanto a ser vencida, por todos que são «amigos» de Israel. Por extensão, de outro lado, a consequência necessária é a irreparável disposição do antagonico como inimigo. De modo bastante paradoxal, estaríamos encarando o cúmulo da política de ódio como sendo a arte de vincular relações humanas pela completa desvinculação.

O neoliberalismo sabe muito bem se aproveitar disso. Para tanto, não diminui o Estado, ao contrário, agiganta-o, porém, aparamentando-o com estratégias funcionais justificadoras, ainda que absolutamente irracionais e destituídas da realidade precária da maioria da população, para salvaguardar a sua defesa interna e excludente de suas fronteiras. Dentro delas, acercam-se os amigos do sistema; fora delas, devem estar os que não são capazes de se vincular às suas ordenanças de maneira funcional. Renova-se, nessas proporções, a aurora das instituições que, como já alertara Foucault, não podem mesmo suportar a amizade: «o exército, a burocracia, a administração, as universidades, as escolas etc. – no sentido que essas palavras hoje possuem – não podem funcionar com amizades tão intensas»¹⁷.

Tais instituições citadas por Foucault, tanto em sua forma discursiva quanto não discursiva, tendem a confiscar a amizade justamente por ela tensionar os dispositivos de relações de poder necessários à desvinculação das relações humanas. A amizade estaria, ao contrário, afeita ao *éthos* político-existencial que escapa às funcionalidades institucionais, que para funcionar não abrem mão do controle da macro e da microfísica do poder, ou seja, da positividade das condutas, no sentido estrito do que delas se pode extrair como intencionalidade e finalidade.

à neicoplastia e vice-versa.

16 MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade, 91.

17 FOUCAULT, Michel. «Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité», 744.

O vínculo possível na amizade é diferente daqueles regulados por convenções institucionais, justamente pelo fato de a amizade se caracterizar por uma instabilidade criativa, por uma abertura às múltiplas formas de convivência e de experimentação de si e do outro. Ora, onde há experimentação também se encontra indeterminação, quer dizer, um horizonte aberto perante os modos de ser. Isso as instituições não podem suportar, pois elas precisam das «determinações» na ordem do dia. Nelas, a amizade corre o risco de ser domesticada pela conveniência de suas determinações políticas. O que Foucault estaria destacando é o fato de que a amizade eivada na extensa franja da cultura do cuidado de si se dispunha justamente à indeterminação de qualquer fortalecimento institucional, algo que a modernidade passou a desconhecer.

Ao contrário disso, as grandes instituições são necessárias para a domesticação da amizade, isto é, reduzi-la à funcionalidade política. As instituições operam, assim, como dispositivos de contenção e direcionamento das potências ainda não conformes ao mundo, quer dizer, das formas de vida que resistem às normas de subjetivação e à organização impostas pela identificação do mesmo. Em gérmen, trata-se de uma condição necessária para se colocarem em evidência as vidas marginalizadas ou deslocadas dos grandes centros de poder. A inimizade para com elas, com efeito, ressalta a desvinculação dessas vidas com os quesitos predefinidores dos pretensos lados certos. Elas precisam, então, ser reduzidas ao silêncio ou à invisibilidade, justamente porque nelas habita a potência política indeterminada, mas por isso mesmo, perigosa.

No ciclo das políticas de inimizade, a indiferença pavimenta a negociação das incertezas de nosso tempo. A certeza, ao contrário, passa ser uma esQUIVA subjetiva à adesão imaginária pelo ataque, não ao que causa efetivamente a desorientação na vida psíquica, afetiva, social ou material, mas aos fantasmas idealizados como incertezas. É a representação do outro, a pessoa do outro, a singularidade do outro um espelho distorcido que tem de ser estilhaçado em mil pedaços.

Desfazer-se do inimigo passa a ser ação banal, já que as justificativas encontram seu fundamento na própria inimizade. As políticas de inimizade, assim, proclamam a cada dia a mesma constituição de seu império: há muitas vidas supérfluas cuja aniquilação é apenas efeito colateral da sobrevida.

O diagnóstico de Mbembe é preciso:

Vida supérflua, portanto, essa cujo preço é tão baixo que não possui equivalência própria, nem em termos mercantis e muito menos em termos humanos; essa espécie de vida cujo valor está fora da economia e cujo único equivalente é o tipo de morte que lhe pode ser cominada¹⁸.

As políticas da inimizade não reconhecem vítimas, apenas estorvos, espécie atualizada de *Homo sacer* a ser sacrificada facilmente. Poderíamos nomear tal perspectiva de

18 MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade, 68.

complexo de Chico Mendes ou de Dorothy Stang ou de Marielle Franco, de Bruno Pereira ou de Dom Phillips; também pode ser complexo de Chacina da Candelária ou de Chacina do Jacarezinho; quem sabe ainda, de Ruanda ou de África do Sul ou de Síria ou de Povos Indígenas ou de Palestinos e sucessivamente. Seja como for, neste ciclo das políticas de inimizade, de regra, trata-se de uma morte à qual ninguém se sente obrigado a reagir. Em vista desse tipo de vida ou desse tipo de morte, ninguém sente nenhum senso de responsabilidade ou justiça¹⁹.

O hábito de se considerar a vida como algo supérfluo apenas reforça a noção de extermínio do outro em forma subvencional da radicalidade política do que se considera simples ameaça ao conglomerado do mesmo. A moral das políticas da inimizade é escandalosamente imoral e inapelável à dor insepulta.

O ciclo do ódio não para de se enovelar e de espalhar seus nós por toda parte. Poucos infortúnios ainda são considerados injustos. Não há culpa, nem remorso, nem reparação. Tampouco existem injustiças que devemos reparar, ou tragédias que possamos evitar. Para unir, é preciso necessariamente dividir; e cada vez que dizemos «nós», devemos a todo custo excluir alguém, despejá-lo de alguma coisa, proceder a algum tipo de confisco²⁰.

3. É preciso defender a amizade, sem fim

Ora, se amizade é um vínculo psíquico, afetivo, temporal, marcado pelo prazer da presença mútua de subjetividades revestidas por afeição, solidariedade, ternura e complicidade, livres de constrangimentos e partilhas impositivas, investida por experimentação sem abusos na relação que se constitui, logo é patente ver na amizade uma boa dose de dedicação voluntária perpassada por formas de cuidados mútuos e provas de zelo.

Ainda que em qualquer relação intersubjetiva haja um grau de agonia, antagonismo, desconforto, discordância etc., na amizade, as diferenças são campo fértil de prova da própria amizade.

Em *Comment vivre ensemble (Como viver juntos)*, curso proferido por Roland Barthes no *Collège de France* entre 1976 e 1977²¹, é dito que a amizade está empenhada na construção inalienável de uma «filoplastia», ou seja, em fazer das condições peculiares de seu entorno a matéria plástica de sua composição. A filoplastia denota a singularidade das experiências de amizade cujos coeficientes de expressão são variáveis conforme cada prova de amizade. A filoplastia equivale às singularidades das múltiplas experiências de amizades apresentadas por Foucault ao longo de *A hermenêutica do sujeito*, uma vez que elas serão variáveis mediante o

19 MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade, 68.

20 MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade, 70.

21 BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble*. Cours et séminaires au Collège de France (1976-1977). Seuil/IMEC, Paris, 2002.

empenho destinado à relação amigável, o que demanda o cuidar da constituição da amizade, sem desprender de si mesmo toda uma série de dedicação, exercícios e cuidados de si, bem como, mutuamente, da parte do outro.

Ademais, filoplastia também envolve o que Barthes denominou de «idiorritmia selvagem». Se *idios* significa particular, próprio, o que ritma a amizade é a particularidade de sua experimentação. Dando ao mundo outros ritmos existenciais, outros contornos afetivos e investimentos de vinculação distintos daqueles ritmados pelo neoliberalismo, a amizade inaugura uma idiorritmia selvagem, antepondo-se aos ritmos civilizatórios dos mesmos coeficientes existenciais vigentes. «Idiorritmo selvagem», nos auxilia compreender Barthes, «pode se definir rigorosamente pela ausência de burocracia, nenhum germe de um poder estático, nenhuma transmissão (*relais*) reificada, institucionalizada, coisificada entre o indivíduo e o microgrupo».²²

No contexto da *hybris* adaptativa neoliberal, a amizade tem a chance de se transformar no *askètérion* do idiorritmo, isto é, em um lugar onde se pode praticar a ascese constitutiva de si e, tendo no outro amigo, o vínculo possível voltado às estratégias de recusa de subjetividades de inimizades.

A experiência da filoplastia, então, delinea-se na proporção de sua constituição como prova de vida, no sentido proposto por Foucault. Daniel Defert, companheiro de vida de Foucault, fornece preciosa resposta a Alain Brossat, quando este o indagou o seguinte: «Pode-se falar, talvez, de uma política de amizade em Foucault?»: «Sim, totalmente. Em primeiro lugar, ele tinha uma prática da amizade. Penso que este era um dos valores mais fortes de sua vida: uma amizade que estava ligada a formas concretas de solidariedade, sem exclusividade política»²³.

Mas deste mundo de políticas de inimizade não somos obrigados a fazer o *nosso* mundo. Ao contrário, este mundo é um lugar de provas para as quais podemos igualmente criar outras provas, sobretudo na direção de que há vida possível fora dos circuitos das políticas de inimizade. A amizade passaria a ser, assim, tanto prova quanto experiência e exercício de formas de se viver voltadas a intervir onde as cristalizações das relações de poder institucionalizadas, imobilizadas e normalizadas.

Nesse caso, porém, ainda levaríamos a bom termo o que Foucault dizia acerca das experiências políticas da amizade nas relações homoafetivas, justamente por serem exemplos de dissidências filoplásticas. Poderíamos nelas também nos inspirar para darmos provas à questão: o que podemos inventar, com a amizade, em um mundo de políticas de inimizade?

Eles estão um diante do outro sem arma, sem palavras de acordo, sem nada que lhes garanta os sentidos do movimento que eles levam um

22 BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble*, 77.

23 DEFERT, Daniel. *Uma vida política*. N-1, São Paulo, 2021, 153.

para o outro. Eles precisam inventar de A à Z uma relação ainda sem forma, que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais se pode, um ao outro, dar prazer²⁴.

«O homem: o ar que ele respira, um dia aspira»²⁵. São palavras de René Char. Entre respirar políticas de inimizade e de amizade não é tão somente sobre a plasticidade do mundo e da vida que damos provas. Em questão estão contornos do que escolhemos aspirar para nós mesmos, para os outros, para a vida, o mundo e o devir.

4. Questões finais: amizade como prova política de si, do outro e do mundo

Como abordei ao longo deste artigo, a amizade não se reduz a uma dimensão estritamente relacional ou a um adorno afetivo nas relações humanas. Ela é, antes de tudo, uma experiência política de primeira grandeza. E, como toda experiência, exige presença, cuidado, zelo e compromisso com a vida que se compartilha – não de modo programado, funcional ou normativo, mas na forma de uma invenção contínua de vínculos que escapam às relações de poder institucionalizadas e, concomitantemente, afeitas ao identitarismo da política de inimizade.

Em tempos correntes, diante da arquitetura de um mundo submerso nas dinâmicas neoliberais da inimizade, que transforma o outro, o diferente, o singular em ameaça, em cifra, em ruído a ser silenciado, parece cada vez mais urgente nos perguntar: como sustentar relações que não se deixem capturar pela gramatologia de poder dos *pogroms* a separar a vida entre «amigos» e «inimigos»? Como a amizade poderia fomentar condições para a emergência de práticas políticas inventivas, radicadas na vida comum e não na lógica dos poderes institucionalizados? Como ela poderia servir de base para formas de criação de modos de ser capazes de desestabilizar a inimizade, a hostilidade banalizada, a competição excludente e o cálculo doloso que perpassam o mundo neoliberal? Por fim, como cultivar encontros que não sejam prestações e antecipações da suspeita, da mútua vigilância coercitiva, da gestão performativa de identidades a funcionar como bomba de fragmentação de ódio?

Tais indagações, a meu ver, são instrumentos dilatadores de uma incansável problematização que aqui apenas tentei insinuar. A amizade, seguramente, delinea-se como campo de experiência possível a resistir à redução das relações humanas à funcionalidade do mercado de subjetividades. A resistência, nesse caso, não é antagonismo frontal, pois serve, em alguma medida, aos marcadores identitários da política de inimizade. Trata-se mais de certa capacidade de manter

24 FOUCAULT, Michel. «De l'amitié comme mode de vie». In *Dits et Écrits IV*. Gallimard, Paris, 1994b, 163-167.

25 CHAR, René. 1983. «L'âge cassant». In *Oeuvres Complètes*. Gallimard, Paris, 1983, 766.

vivo um espaço de indeterminação, de suspensão das regras das políticas de inimizades, com o preço a se pagar pela abertura da vida ao que não quer encaixar nas fronteiras deterministas a reduzir a estrangeiridade em objeto de combate e de aniquilação.

Em alguma medida, tal reflexão permite atualizar uma das perspectivas fundamentais apontada por Foucault: «uma das coisas que precisamos preservar, a meu ver, é a existência de certa forma de inovação política, de criação política e de experimentação política, mas fora dos grandes partidos e do programa normal ou banal»²⁶. Diferentemente dessa perspectiva, pressuposta pelos feixes de convergência de unificação, na amizade não se trata de encontrar o igual, o semelhante, o mesmo. Sendo filoplástica, é de sua feição o sentido variável, indeterminado e aberto. Em primeira e última instâncias, a amizade acaba sendo a política de acolhimento, por convivência, do dissonante, do que não se reduz à familiaridade do identitário. Por isso, a amizade é um exercício de risco e, ao mesmo tempo, de confiança radical. Um exercício que se dá no plano do sensível, do corpo, da escuta, da palavra, da presença e que, por isso mesmo, desestabiliza e indaga os dispositivos que organizam o mundo segundo as lógicas dos «grandes partidos e do programa normal» os quais Foucault mencionou.

Em um dos pontos da pesquisa que Ortega realizou acerca da *Amizade e estética da existência em Foucault*, algo de precioso é mencionado: «A dimensão ético-transgressiva da amizade consiste na recusa das formas impostas de relacionamento e de subjetividade»²⁷. Nas guerras de subjetividades a circunscrever o nosso presente, encabeçada pelas políticas de inimizades, a amizade se constitui como um contradispositivo. É nesse ponto que a reflexão foucaultiana ressoa com maior força: ao destacar que a vida é prova, Foucault nos convoca a pensar a existência como uma experiência constantemente em jogo – algo que se experimenta, se transforma, se prova e se vive com o outro. A amizade, com efeito, é um modo de vida que prova a si mesmo ao se lançar ao mundo como acontecimento ético, na direção da criação compartilhada, mas sendo uma dobra do cuidado de si que se abre ao cuidado com o outro.

E se levarmos a sério essa hipótese, de que a amizade é uma forma de prova na e de vida, então ela também nos exige coragem. Coragem de sustentar o vínculo para além dos pertencimentos programados, dos pactos de identidade, das afiliações desvinculantes. Em questão, situa-se uma nova ontologia da convivência. E essa convivência, no registro da amizade, não será mais garantida pelos formatos tradicionais de representação, nem pelas instituições que organizam a sociabilidade segundo as políticas de inimizades. Ela emerge das provas de amizade na vida, para outra vida. Assim, a amizade tende a ser prática de subjetivação a escapar do modelo do sujeito instrumentalizado, inclusive pelas demandas funcionais do

26 FOUCAULT, Michel. «Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité», 746.

27 ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Graal, Rio de Janeiro, 1999, 170.

neoliberalismo. Ao invés da *performance* da individualidade triunfante, ela sustenta a vulnerabilidade vincular; porém, como aposta no cuidado de si e do outro no âmbito da reciprocidade do gesto político. Portanto, a amizade não apenas resiste ao mundo da inimizade. Ela também aponta para o que poderia vir a ser uma outra política de vida, uma política da partilha, do sensível e do indeterminado, enfim, uma política da amizade.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble. Cours et séminaires au Collège de France (1976-1977)*. Seuil/IMEC, Paris, 2002.
- BERARDI, Franco. *Asesinato masivo y suicidio*. Akal, Madrid, 2015.
- BERARDI, Franco. «O pensamento crítico morreu». In *O jornal econômico*, 17 de junho 2018. Disponível em [<https://jornaleconomico.pt/noticias/franco-berardi-o-pensamento-critico-morreu-321558#.WyyMrbZf3dm>]. Acesso em 26 de jun. de 2022.
- CHAR, René. 1983. «L'âge cassant». In *Oeuvres Complètes*. Gallimard, Paris, 1983.
- DEFERT, Daniel. *Uma vida política*. N-1, São Paulo, 2021.
- DOSSE, François. *Amitiés philosophiques*. Odile Jacob, Paris, 2021.
- FOUCAULT, Michel. «Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité». In *Dits et Écrits IV*. Gallimard, Paris, 1994a, 735-746.
- FOUCAULT, Michel. «De l'amitié comme mode de vie». In *Dits et Écrits IV*. Gallimard, Paris, 1994b, 163-167.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- GUATTARI, Félix. *De la schizoanalyse institutionnelle*. Saint-Germain-la-Blanche-Herbe. Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine. IMEC, GTR 28.14. Arquivo consultado em 1 jun. 2022.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Graal, Rio de Janeiro, 1999.
- PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre; LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes, São Paulo, 2016.